Anuário de LITERATURA

ESCRITA E EMANCIPAÇÃO: SUBJETIVIDADES NEGRAS NA LITERATURA DE HANNAH BASTOS

Writing and Emancipation: Black Subjectivities in Hannah Bastos's Literature

Maria Isabel Teixeira Brisolara[1]
https://orcid.org/0000-0003-3314-0723

Luiz Gustavo Bieberbach Engroff[2]
https://orcid.org/0000-0001-9980-6837

[1]Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. 88070-400 – ppglit@contato.ufsc.br

[2]Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, SC, Brasil. 88806-000 – artesvisuais@unesc.net

Resumo: Este artigo analisa dois contos de Hannah Bastos, publicados em diferentes edições da antologia de escritores imigrantes em Portugal intitulada *Volta para tua terra*. O objetivo é refletir sobre as experiências de mulheres negras em países europeus, evidenciando como elaboram suas vivências diaspóricas, incluindo a percepção de si e as relações com o território e com a branquitude. A partir das reflexões de Frantz Fanon, em confluência com Grada Kilomba e Conceição Evaristo, propomos uma reflexão sobre como a subjetividade da personagem Helena é atravessada pelo olhar colonizador que fragmenta sua existência e reforça estruturas de exclusão racial. Linguagem e trauma se constituem como espaço de resistência, ao permitir que o sujeito negro reinscreva sua experiência individual e coletiva. A análise dos contos evidencia como a narrativa literária denuncia as violências impostas pela colonialidade e propõe caminhos para a reconstrução de subjetividades negras emancipadas do olhar branco.
Palavras-chave: subjetividade negra; escrevivência; colonialidade

Abstract: This article analyzes two short stories by Hannah Bastos, published in different editions of the anthology of immigrant writers in Portugal entitled *Volta para tua terra*. Its objective is to reflect on the experiences of Black women in European countries, highlighting how they negotiate their diasporic experiences, including their self-perception and their relationships with territory and whiteness. Drawing on the reflections of Frantz Fanon in dialogue with Grada Kilomba and Conceição Evaristo, the article examines how the subjectivity of the character Helena is shaped by the colonizing gaze, which fragments her existence and reinforces structures of racial exclusion. Language and trauma emerge as spaces of resistance, enabling Black subjects to reinscribe their individual and collective experiences. The analysis demonstrates how literary narrative exposes the violence imposed by coloniality while proposing pathways toward the reconstruction of Black subjectivities emancipated from the white gaze.
Keywords: Black subjectivity; *escrevivência*; coloniality.

Eu sei que sou negra
É impossível esquecer
Não me consigo esconder de todos os espelhos [...]
Cristina Carlos, “Eu sei…”

Introdução

Há uma gravidade particular que incide sobre os corpos de mulheres negras do sul global que aportam em solo português: para quem faz a travessia no sentido inverso do império, o Atlântico de outrora continua a fazer suas assombrações, alagando ainda o assoalho da contemporaneidade, fazendo com que as rebentações das ondas tragam, das profundezas do passado colonial, contínuos destroços.

Na sutileza da existência, os resíduos pregressos se entranham no miúdo dos dias e ganham potenciais solavancos, tornando-se matéria viva para a escrita de Hannah Bastos – autora paraibana radicada em Guimarães, Portugal, e foco do presente artigo. Ao descrever as cenas ordinárias do cotidiano e a experiência de corpos negros em solo português, a escritora utiliza o ato de escrita literária como um exercício que se assemelha ao do cronista concebida por Walter Benjamin na *Tese III* de *Sobre o conceito de história*: aquele que, ao narrar os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos, “leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (Benjamin, 1994, p. 223).

Com mãos experientes, Bastos urde os fragmentos e faz da escrita uma cerzidura. No entanto, no gesto de construção desse mosaico, há sempre partes dos andaimes do passado que se deixam propositalmente avistar, alinhando o humor corrosivo das narrativas à dor dessas vivências.

Por conta disso, seus contos se tornam tema do estudo que será aqui proposto, olhando a arte como o espaço que, potencialmente, oferece um diferente olhar para aquilo que não parece, para alguns, possuir a gravidade que verdadeiramente tem. Os contos aqui escolhidos servem para que o(a) leitor(a) vista lentes críticas mediante àquilo que muitas vezes não enxerga com a devida relevância, fazendo com que a cena cotidiana proceda como um fragmento irredutível de uma totalidade, no qual o pormenor aparentemente banal deixa de ser ornamento e passa a concentrar a força de todo um edifício. Afinal, “o valor de fragmentos de pensamento é tanto mais decisivo quanto menos imediata é a sua relação com a concepção de fundo, e desse valor depende o fulgor da representação, na mesma medida em que o do mosaico depende da qualidade da pasta do vidro” (Benjamin, 2013, p. 17). Assim, ao colocar o problema da verdade velada para a escala do microcosmo, a escrita de Bastos compõe representações em que o detalhe escancara a totalidade da estrutura colonial e racista.

Em um gesto análogo ao de Rosana Paulino, a escrita de Bastos opera por uma lógica da recomposição: ambas reconstroem imagens a partir de fragmentos, mas é precisamente na fresta do desencaixe que o olhar é forçado a encarar a estrutura que as atravessa. A costura não disfarça a rasura; ao contrário, faz do desalinhamento a brecha

por onde a violência é finalmente avistada. É essa mesma ética da sutura exposta que ressoa na síntese de Paulino ao definir o seu procedimento estético: “Eu reconstruo essas imagens, faço suturas nas fotos, mas dá pra perceber que as partes não se encaixam perfeitamente: isso é a escravidão” (Lima, 2018, *apud* Hollanda, 2020, p. 18). Se, na poética visual de Paulino, a memória da escravidão emerge pelas ausências e lacunas do arquivo, na prosa de Bastos são as próprias cenas e reflexões cotidianas proferidas pelos narradores que dão a ver os resquícios dessa mesma herança escravocrata.

Nos contos de Hannah Bastos selecionados para este estudo, contudo, a questão racial articula-se deliberadamente à experiência do deslocamento. Publicadas em dois diferentes volumes da antologia de autoras e autores imigrantes em Portugal, intitulada *Volta para tua terra*, as narrativas aqui escolhidas recortam a condição específica de mulheres nas quais a marca da raça se une à vulnerabilidade geopolítica do estatuto de migrante.

É nesse horizonte que Manuela Bezerra de Melo abre o prefácio do primeiro volume dessas antologias, refletindo sobre a condição dos sujeitos em deslocamento: “A imigração é um labirinto. Um labirinto de concreto cujo céu não se vê. Seguir em frente é o único sentido e até mesmo voltar significa seguir em frente” (Bezerra, 2021, p. 9). A metáfora do labirinto ultrapassa a ideia do simples deslocamento geográfico e revela uma experiência marcada pela constante negociação entre pertencimento, identidade e sobrevivência. O sujeito migrante não atravessa apenas fronteiras territoriais; passa a habitar um espaço onde sua existência é continuamente mediada por relações de poder, pelas disputas em torno da legitimidade de ocupar determinado território e pelas imagens que lhe são projetadas pelos grupos que se reconhecem como pertencentes àquele lugar.

Para mulheres negras oriundas de antigas colônias, migrar para a Europa significa frequentemente reencontrar, sob novas configurações, estruturas historicamente constituídas pelo colonialismo. A antiga metrópole permanece organizando hierarquias de pertencimento que delimitam quem pode ocupar legitimamente o espaço público e quem será permanentemente identificado como estrangeiro, mesmo quando compartilha a mesma língua ou participa da mesma vida social. Nesse contexto, migração e colonialidade deixam de constituir fenômenos independentes e passam a operar conjuntamente na produção de subjetividades marcadas pela racialização, pela xenofobia e pela precarização da existência.

Ao refletir sobre os regimes contemporâneos de reconhecimento, Judith Butler afirma que “há ‘sujeitos’ que não são exatamente reconhecidos como sujeitos e há ‘vidas’ que dificilmente – ou, melhor dizendo, nunca – são reconhecidas como vidas” (Butler, 2015, p. 15). Tal formulação permite compreender que determinadas formas de vulnerabilidade não decorrem exclusivamente das características individuais dos sujeitos, mas são produzidas por estruturas normativas que distribuem desigualmente reconhecimento, proteção e pertencimento. A condição migratória, sobretudo quando articulada à raça, ao gênero e à origem nacional, intensifica esses mecanismos de exclusão, fazendo com que

determinados corpos permaneçam constantemente expostos à vigilância, à suspeição e à violência.

É precisamente nesse horizonte que se inscrevem os contos de Hannah Bastos, publicados no segundo e no terceiro volumes de *Volta para tua terra*. A protagonista Helena não ocupa apenas a posição de uma imigrante brasileira vivendo na Europa; ela representa um corpo negro migrante cuja experiência cotidiana evidencia a permanência das estruturas coloniais nas relações contemporâneas entre ex-colônias e antigas metrópoles. Os episódios narrados – aparentemente banais, como preparar o café da manhã ou atravessar uma rua após as compras – revelam que o cotidiano dessas mulheres é permanentemente atravessado por mecanismos de racialização, xenofobia e deslegitimação de sua presença no espaço público.

Com essa compreensão, este artigo pretende analisar os contos “Papas de Aveia” e “Aladdin”. O objetivo consiste em compreender de que maneira a experiência migratória da personagem Helena produz formas específicas de constituição da subjetividade negra. Busca-se, ainda, investigar como a literatura opera como espaço de denúncia e resistência ao evidenciar as continuidades do olhar colonial nas experiências de mulheres negras em contextos migratórios europeus.

Para tanto, o artigo articula as reflexões de Frantz Fanon acerca da ontologia negra e da constituição do sujeito pelo olhar do colonizador, as contribuições de Grada Kilomba sobre memória colonial, projeção psíquica e branquitude, o conceito de escrevivência elaborado por Conceição Evaristo e a discussão de Judith Butler sobre reconhecimento e precariedade. A aproximação entre esses referenciais permite compreender que a migração, longe de representar apenas um deslocamento espacial, constitui um campo privilegiado de atualização das hierarquias coloniais. Em Hannah Bastos, a literatura torna visíveis as formas pelas quais essas estruturas continuam organizando a experiência cotidiana de mulheres negras migrantes, ao mesmo tempo em que transforma a escrita em espaço de reinscrição da memória, de elaboração do trauma e de reconstrução da subjetividade.

A análise concentra-se em duas principais vertentes. Primeiramente, busca compreender como Helena responde ao olhar externo que continuamente a interpela enquanto mulher negra e imigrante, produzindo mecanismos de autopreservação, resistência e reelaboração de si. Em seguida, investiga-se como a escrita literária, marcada pela ironia e pela crítica social, converte experiências individuais em uma reflexão coletiva sobre colonialidade, migração e pertencimento, evidenciando a potência política da literatura como gesto de resistência frente às permanências do projeto colonial.

Os Escritórios da Colonialidade: subjetividade negra e gestão da dor em “Papas de Aveia”

No segundo volume de *Volta para tua terra: Uma antologia antirracista/antifascista de escritoras estrangeiras em Portugal*, Hannah Bastos apresenta o conto intitulado “Papas

de Aveia". Nessa produção, conduzida por um narrador onisciente seletivo, somos introduzidos a um breve intervalo na rotina da protagonista, Helena, imigrante brasileira que trabalha como garçonete em um estabelecimento português. O incômodo da personagem surge durante a preparação de seu desjejum, um prato de papa de aveia. Contudo, o cerne da narrativa não reside no ato cotidiano de cozinhar, mas em uma memória que a assalta: o momento em que um cliente, sem sua permissão, *apalpa-lhe* as mãos. Esse gesto invasivo desencadeia na personagem uma torrente de emoções – raiva, indignação, um senso de direitos usurpados. A partir daí, o narrador nos conduz por entre os labirintos do cérebro de Helena, personificado em departamentos que se ocupam de processar, de maneira fragmentada, as violências e abusos vividos pela personagem principal, fazendo-a agir de diferentes formas.

A mente da protagonista processa, portanto, as diferentes situações da sua vida de cidadã à margem, negra e imigrante, através do que o narrador chama de *Escritórios Helena Silva Ltda*. Os escritórios são divididos em departamentos de vergonha alheia; vingança e planejamento; cautela e procrastinação; responsabilidade; lembranças de infância e adolescência etc. Em cada um desses departamentos há uma heleninha que coordena as informações, memórias e vivências da personagem.

Helena habita um lugar onde lida a todo instante com a interdição do olhar alheio. Desde o início, a personagem nos é descrita não por aquilo que vê de si, mas através de uma narrativa gerada pela fala daqueles que se autointitulam autóctones, e que a veem como "mais uma imigrante preta, brasileira, que veio para Portugal se prostituir ou roubar maridos alheios" (Bastos, 2022, p. 83). É daí que parecem emergir os *Escritórios Helena Silva Lda,* enquanto dispositivos para lidar, de certa maneira, com a necessidade de permanência da imigrante nesse país estrangeiro.

Na cena em que Helena prepara a primeira refeição do dia, uma das *heleninhas* – representações de partes de sua psique – traz à tona uma memória que evoca a necessidade de reação frente à violência sofrida. Nesse momento, o conto apresenta o seguinte diálogo:

> – heleninha.w do Departamento de Vergonha Alheia, por favor, chame a heleninha.y do Departamento de Vingança e Planejamento! – gritou a heleninha-chefe do Departamento de Cautela e Procrastinação.
> – Helena, mais uma vez, está tentando entender os mecanismos que nós usamos para não sobrecarregá-la. Diz para a heleninha.y que eu quero conversar com ela. Não adianta ficar mandando informação de vingança para Helena! Ela precisa ainda muito deste trabalho! (Bastos, 2022, p. 84).

Nesse fragmento, a narrativa estabelece um conflito interno que transcende o plano individual e reflete sobre as tensões psicológicas de uma consciência que precisa equilibrar o desejo de reparação – representado pela *heleninha.y* – com as exigências de sobrevivência em um espaço que insiste em submetê-la a condições de subalternidade. Assim, o cérebro ilustra de maneira irônica e profundamente crítica as estratégias de

adaptação e resistência que ela adota para lidar com as violências diárias e a opressão imposta por um contexto que continuamente nega sua autonomia.

Em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008), Frantz Fanon dedica-se à reflexão sobre a questão da ontologia negra, enfatizando a impossibilidade de ela ser autônoma nos contextos coloniais. Para Fanon, ela é moldada e reconhecida a partir do olhar do colonizador. A colonização, nesse sentido, emerge como um processo que desmantela os sistemas autorreferenciais das populações colonizadas, negando-lhes a capacidade de se constituírem enquanto sujeitos fora dos parâmetros impostos pela lógica colonial. Assim, ser negro nessas sociedades é, inevitavelmente, ser interpretado e apreendido pelo olhar do outro (o branco), em vez de construir uma percepção de si a partir de uma perspectiva interna e soberana:

> Existe, na *Weltanschauung* de um povo colonizado, uma impureza, uma tara que impugna qualquer explicação ontológica. Talvez possam objetar que o mesmo acontece a qualquer indivíduo, mas isso significaria mascarar um problema fundamental. A ontologia, quando se admite de uma vez por todas que ela deixa de lado a existência, não nos permite compreender o ser do negro. Pois o negro já não precisa ser negro, mas precisa sê-lo diante do branco. Alguns teimarão em nos lembrar de que a situação tem duplo sentido. Respondemos que isso é falso. O negro não tem resistência ontológica aos olhos do branco. Os negros, de um dia para o outro, passaram a ter dois sistemas de referência em relação aos quais era preciso se situar. Sua metafísica, ou, menos pretensiosamente, seus costumes e as instâncias às quais remetem foram abolidos, pois estavam em contradição com uma civilização que eles desconheciam e que lhes foi imposta (Fanon, 2008, p. 91).

Acerca disso, a personagem encarna uma dinâmica interna que reflete o impacto do racismo estrutural sobre a subjetividade negra. Seus “departamentos” representam as múltiplas forças conflitantes que moldam a sua psique: de um lado, instâncias que buscam empoderá-la, mobilizando desejos e frustrações na tentativa de impulsionar ações reparadoras e emancipadoras; de outro, forças que operam sob a égide da procrastinação e da manutenção do *status quo*, manifestando a necessidade de preservação em um contexto marcado pela violência simbólica e material.

Essa dualidade interna, enraizada em uma subjetividade continuamente atravessada pelo olhar do outro – aqui identificado com a hegemonia branca – revela o esforço de Helena para sobreviver em uma sociedade que, ao mesmo tempo que nega sua plena humanidade, impõe formas de adequação às normas do dominador. Tal conflito evidencia a complexidade de existir enquanto sujeito negro em um espaço que historicamente o excluí e marginaliza, onde a permanência não é apenas um ato de sobrevivência, mas também uma forma de resistência velada.

Essa dupla percepção de si, materializada nos departamentos que compõem os *Escritórios Helena Silva Lda*., não se restringe a um conflito psicológico individual, mas traduz um mecanismo profundamente enraizado nos processos coloniais que estruturam tanto a subjetividade negra quanto a própria organização simbólica da branquitude.

É nesse ponto que a leitura proposta por Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação* (2019), aprofunda e complexifica a análise fanoniana. Ao discutir os mecanismos psíquicos da branquitude, Kilomba evidencia que o racismo não opera apenas como um sistema externo de exclusão, mas como uma estrutura sustentada por um processo contínuo de projeção. O sujeito branco, incapaz de confrontar suas próprias violências históricas, projeta no corpo negro tudo aquilo que rejeita em si: agressividade, imoralidade, perigo, sujeira. O negro, assim, torna-se o receptáculo das fantasias, medos e culpas da branquitude, funcionando como aquilo que Kilomba descreve como o "Outro negativo" – aquele que deve ser controlado, silenciado e, se necessário, eliminado (Kilomba, 2019).

Essa dinâmica de projeção psíquica não apenas desumaniza o sujeito, mas sustenta uma inversão perversa de papéis, na qual o colonizador passa a se perceber como vítima de uma ameaça que ele próprio produziu. Ao atribuir ao *Outro* negro a condição de violento, indolente ou criminoso, a branquitude legitima práticas de controle, exclusão e punição, enquanto preserva para si a imagem de racionalidade, civilidade e inocência. Trata-se de um processo que, como afirma Kilomba, permite ao ego branco manter intacta sua autoimagem moral, deslocando para fora de si aquilo que não suporta reconhecer como próprio.

Esse mecanismo de imunização moral não ocorre de maneira isolada, mas apoia-se em uma aliança coletiva e silenciosa de preservação de privilégios. É precisamente essa arquitetura de esquecimento e proteção mútua que Cida Bento articula ao conceituar o *pacto da branquitude*:

> Trata-se da herança inscrita na subjetividade do coletivo, mas que não é reconhecida publicamente. O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo. Este é o pacto, o acordo tácito, o contrato subjetivo não verbalizado: as novas gerações podem ser beneficiárias de tudo que foi acumulado, mas têm que se comprometer "tacitamente" a aumentar o legado e transmitir para as gerações seguintes, fortalecendo seu grupo no lugar de privilégio, que é transmitido como se fosse exclusivamente mérito. E no mesmo processo excluir os outros grupos "não iguais" ou não suficientemente meritosos. O pacto é uma aliança que expulsa, reprime, esconde aquilo que é intolerável para ser suportado e recordado pelo coletivo. Gera esquecimento e desloca a memória para lembranças encobridoras comuns. O pacto suprime as recordações que trazem sofrimento e vergonha, porque são relacionadas à escravidão (Bento, 2022, p. 23-24).

Ao recalcar a memória da escravidão e imunizar o agressor branco, esse pacto tácito impõe ao sujeito racializado o fardo de gerir, de forma solitária e sem amparo institucional, as fissuras produzidas pela violência racial. É esse o nó que atravessa a arquitetura psíquica da protagonista no conto de Bastos.

No desfecho desse primeiro conto, o Departamento de Cautela e Procrastinação, em diálogo com heleninha.y (do Departamento de Vingança e Planejamento), que havia

evocado a memória do episódio vivido com um cliente, não apoia qualquer reação de enfrentamento, mesmo reconhecendo a condição subjugada da protagonista. Ao contrário, a resolução proposta emerge do Departamento de Responsabilidade, que sugere que Helena, em vez de direcionar sua energia para enfrentamentos externos, deveria buscar terapia para elaborar os sentimentos decorrentes das violências cotidianas que vivencia.

Essa decisão é reforçada pelo Departamento de Lembrança da Infância e da Adolescência, que já sinalizava, havia tempos, a necessidade de tratamento terapêutico. O movimento de Helena em direção ao cuidado psíquico pode ser compreendido como uma estratégia de sobrevivência diante das marcas da colonialidade, que incide também sobre a maneira como o sujeito racializado apreende a própria experiência. Como observa Grada Kilomba, a violência colonial não se restringe à relação entre quem agride e quem é agredido: ela participa da constituição do pensamento do sujeito implicado.

É justamente essa lógica que o conto problematiza ao apresentar a terapia como resposta às violências sofridas por Helena. Embora o cuidado psíquico seja legítimo e necessário, sua aparição como única possibilidade de enfrentamento evidencia o deslocamento da responsabilidade da esfera coletiva para a individual, convertendo os efeitos do racismo estrutural em uma questão de ordem privada. Essa dinâmica dialoga diretamente com as reflexões de Grada Kilomba acerca da cisão psíquica produzida pelo colonialismo: Helena é convocada a reparar uma dor que não lhe pertence originariamente, mas que lhe foi projetada e imposta pela estrutura racista.

O conto, ao se encaminhar para o fim, aprofunda a ironia característica da narrativa por meio de uma reflexão ácida de heleninha.y, que afirma: “– Óbvio, não tem trauma maior do que nascer preta e pobre em um país como o Brasil. E ainda ter a brilhante ideia de se mudar para a ‘metrópole’” (Bastos, 2022, p. 87). Essa declaração não apenas sintetiza o peso da interseccionalidade que atravessa a protagonista – mulher, negra e imigrante –, mas também expõe a lógica cruel de responsabilização individual que recai sobre sujeitos que vivenciam experiências diaspóricas, como explanado no parágrafo anterior.

Nessa perspectiva, a ironia da fala de heleninha.y desvela a complexidade do dilema migratório: ao buscar melhores condições de vida em um território que simboliza o centro do poder colonial, Helena se depara com preconceitos de forma mais acentuada. A “metrópole” não apenas perpetua a exclusão, mas reforça a desumanização do corpo negro enquanto objeto mediante o olhar branco, mas ainda assim, heleninha.y atribui à Helena a responsabilidade por sua escolha de migrar para Portugal, revelando que, mesmo o Departamento de Vingança e Planejamento, que deveria agir em prol de uma reparação, acaba por reforçar, de maneira irônica, a culpabilização da protagonista. Esse fato evidencia como as estruturas internas que compõem a psique da personagem são atravessadas pela normatização do pensamento colonial que infecta, naturaliza a culpa, desviando o foco das violências sistêmicas que ela enfrenta para uma responsabilização individual que não lhe pertence propriamente.

O olhar colonial e a negação da subjetividade em “Aladdin”

Compreendida essa dinâmica, passamos ao segundo conto, “Aladdin” (2024). Nessa narrativa, Hannah Bastos reinsere Helena em um novo contexto, no qual a protagonista se vê diante do desafio de atravessar um determinado ponto da cidade. Tal espaço é constituído pelo racismo e pela xenofobia dos sujeitos portugueses que o habitam, sendo descrito pelo narrador como análogo ao conhecido jogo de Super Nintendo *Aladdin*. Essa analogia sugere uma aproximação entre os obstáculos enfrentados no universo dos jogos e as barreiras quase intransponíveis impostas por um ambiente hostil e imprevisível, que se configura como Portugal para imigrantes oriundos de países que integraram as antigas colônias lusitanas.

A narrativa, conduzida novamente por um narrador onisciente seletivo, nos permite acessar fragmentos do pensamento da personagem enquanto enfrenta cada obstáculo. A partir dessa perspectiva, somos levados a compreender as estratégias que a protagonista formula para se proteger de situações que possam constrangê-la ou colocá-la em perigo. É como se ela tivesse sido sistematicamente condicionada a desenvolver mecanismos de autopreservação, resultado direto de uma experiência de vida moldada por contextos racistas.

Essa condição de permanente vigilância permite aproximar a experiência da personagem das reflexões de Judith Butler acerca da precariedade diferencial dos corpos. Para a autora, uma ontologia social do corpo exige considerar “a precariedade, a vulnerabilidade, a dor, a interdependência, a exposição, a subsistência corporal, o desejo, o trabalho e as reivindicações sobre a linguagem e o pertencimento social” (Butler, 2015, p. 15). A experiência migratória de Helena evidencia precisamente essa articulação: seu corpo não circula livremente pelo espaço urbano, mas é continuamente atravessado por dispositivos de vigilância racial e colonial que transformam gestos cotidianos de deslocamento em situações permanentes de risco. Nesse sentido, sua vulnerabilidade não decorre de uma condição individual, mas de estruturas históricas que distribuem desigualmente reconhecimento, proteção e pertencimento.

Sabe-se que, em sociedades estruturadas por esse preconceito, pessoas negras são frequentemente ensinadas a evitar comportamentos ou objetos que possam ser mal interpretados, como não portar itens que possam ser confundidos com armas (um simples guarda-chuva preto, por exemplo), carregar consigo documentos de identificação a todo momento ou guardar comprovantes de compras realizadas. Esse condicionamento não é arbitrário, mas sim enraizado em um método histórico de exclusão que remonta às teorias de Lombroso (2001), cuja tipificação do criminoso associa de forma arbitrária e esteriotipada a figura do negro à uma estética de periculosidade. Tal construção, perpetuada ao longo do tempo, reforça o controle sobre corpos racializados e impõe uma vigilância constante que Helena, como muitas outras, é forçada a internalizar. O narrador nos descreve:

> Ela era o alvo. A matéria forasteira que estava impregnada em todo o seu ser refletia nos olhos daqueles soldados como néon. Afinal, em tempos idos-que-não-se-foram, eles já a tinham capturado, dissecado até o tutano a sua substância e feito do que restou um lindo e polido criado-mudo [...] (Bastos, 2024, p. 169-170).

Aqui, ela é novamente posicionada como o *Outro*, sua existência é vista como incômoda, ela desafia e perturba simplesmente por existir naquele espaço. Tudo o que ela representa enquanto mulher negra e imigrante é reinterpretado sob o prisma da colonialidade, que projeta significados externos sobre sua presença. O grupo de portugueses, ao fitá-la, não vê uma mulher transitando após as compras, mas atribui à sua figura uma narrativa de ameaça ou inadequação. Fanon, ao refletir sobre essas dinâmicas, observa:

> [...] olhe, um negro, faz frio, o negro treme, o negro treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do negro, o negro treme de frio, aquele frio de torcer os ossos, o belo menino treme porque acha que o negro treme de raiva, o menino branco corre para os braços da mãe: mamãe, o negro vai me comer (Fanon, 2008, p. 94).

O gesto simples e humano de tremer de frio é transformado, pelo olhar do menino branco, em um signo carregado de simbolismo. Esse ato é reinterpretado à luz de um histórico de exclusão e estigmatização, que associa a negritude à violência, ao perigo e até mesmo ao canibalismo.

Da mesma forma, Helena, que deseja apenas retornar para casa após ir ao supermercado, não pode exercer esse direito básico sem ser interpelada por olhares e interpretações que questionam sua “audácia” de existir naquele espaço. Seu simples deslocamento não é visto como neutro; ele é transformado em um ato de transgressão pelo pensamento racista que nega a legitimidade de seu trânsito naquele território e, mais amplamente, naquele país.

Assim como em um jogo de *videogame*, a personagem traça cuidadosamente sua estratégia para “passar de fase”. No entanto, semelhante a *Aladdin*, as fases se tornam progressivamente mais desafiadoras, e a protagonista é obrigada a enfrentar novas dificuldades à medida que o grupo de homens portugueses se subdivide, tornando seu deslocamento ainda mais complicado. Contudo, ao contrário do personagem fictício, Helena carrega sentimentos reais que a tornam vulnerável. Diante da reorganização do grupo em pequenos contingentes, ela sente o peso da tensão que lhe atravessa o corpo.

A narrativa captura com precisão o momento de vulnerabilidade: “Seu corpo estremeceu, sentiu as mãos molhadas, e uma ânsia de pré-morte subia pelas pernas, não acreditava que o seu corpo a estava traindo, logo ele que era tão refinado em fugas [...]” (Bastos, 2024, p. 171). A queda da sacola que carregava rompe o frágil controle que ela vinha tentando manter, expondo sua presença de forma involuntária. Seu desejo mais profundo – a invisibilidade – é frustrado, trazendo à tona a tensão entre simplesmente ser e ser vista. Essa busca por anonimato, por existir sem o peso do olhar alheio, ressoa com

as palavras de Fanon: “[...] eu me arrasto pelos cantos, fico em silêncio, aspiro ao anonimato, ao esquecimento. Vejam só, aceito tudo, desde que possa passar despercebido!” (Fanon, 2008, p. 96).

Helena, à beira de completar sua missão, abaixa-se para recolher a sacola caída e, por um instante, acredita que conseguirá atravessar a situação ilesa (corporalmente e mentalmente). No entanto, suas esperanças são abruptamente interrompidas quando risadas ecoam ao seu redor, acompanhadas pelo insulto: “Olê, olê, olê… Passou o chimpanzé” (Bastos, 2024, p. 171). Nesse instante, a narrativa atinge seu clímax ao enfatizar o impacto brutal do racismo: o riso coletivo e a zombaria transformam a jornada cotidiana da protagonista em uma cena de humilhação pública.

O conto encerra de forma brutal: “Acreditou que era Aladdin, mas cheirava a Abu” (Bastos, 2024, p. 171). A comparação reforça a interferência do olhar branco, que redefine (através da fala do narrador) a percepção de Helena sobre si mesma. Embora ela aspirasse a ser a heroína de sua própria história, a leitura racista de seu corpo a posiciona como o macaco Abu, reduzindo-a a uma figura de escárnio. Essa intromissão do olhar alheio não apenas a desumaniza, mas a desvia de sua própria autoimagem, reafirmando com violência essa constante negação de sua subjetividade.

Considerações finais

Ao articular os contos “Papas de Aveia” e “Aladdin”, de Hannah Bastos, esta análise buscou evidenciar como a experiência cotidiana de Helena constitui um espaço em que os dispositivos coloniais se atualizam no contexto migratório contemporâneo, manifestando-se nas cenas de vigilância e violência que atravessam a vida de tantas mulheres negras diaspóricas. A vida comum, nesses textos, jamais é neutra: ao lançar luz sobre certos detalhes, desnaturaliza o olhar do(a) leitor(a), convidando-o(a) a reconsiderar práticas que o interpelam. Longe de serem banais, esses espaços revelam-se, para determinados grupos, como territórios de tensão, negociação e passividade forçada.

Os narradores dos contos de Bastos mantêm-se organicamente vinculados à realidade de quem enfrenta os desafios da racialização e do trânsito migratório. A criação de personagens que encarnam as contradições vivenciadas por tantas mulheres negras em Portugal converte a ficção em um potente espaço de denúncia. Longe de adotar uma perspectiva neutra ou meramente contemplativa, a prosa de Bastos permite que a trajetória de Helena opere como um vetor de legibilidade para os constrangimentos e as táticas de sobrevivência que regem diferentes existências diaspóricas.

Dentro dessa perspectiva, e dialogando com o conceito de *escrevivência* de Conceição Evaristo, Helena torna-se reflexo de múltiplos rostos, desenhando, com a sua caligrafia, traços de uma coletividade. Evaristo, em seu texto *Escrevivência: A escrita de nós* (2021), afirma:

> O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos

> teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos. Sim, porque ali, quando lançamos nossos olhares para os espelhos que Oxum e Iemanjá nos oferecem, é que alcançamos os sentidos de nossas escritas. No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual. Certeza ganhamos que não somos pessoas sozinhas. Vimos rostos próximos e distantes que são os nossos. O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos (Evaristo, 2021, p. 38-39).

Com isso, é possível perceber que essas narrativas de Hannah Bastos refletem a potência de uma subjetividade individual e a importância do compartilhamento das experiências coletivamente. Assim, a partir do espelho de Oxum, Hannah Bastos toca sua subjetividade, no papel de escritora; pelo espelho de Iemanjá, ela encontra os múltiplos rostos naquelas que possivelmente a lerão, que se enxergarão a partir da sua história. Nesse movimento, há um esforço simultâneo de cisão com o olhar colonizador e de retomada de um passado profundo e ancestral.

Para Fanon (2008), a problemática da ontologia negra evidencia uma subjetividade continuamente entrecortada e definida pelo olhar colonizador, onde o sujeito negro é impedido de existir plenamente em si mesmo, sendo constantemente invadido por projeções impostas pelo outro, como se não houvesse um passado anterior à colonização. Essa cisão ontológica, que desumaniza e fragmenta, encontra na literatura uma resposta potencialmente transformadora.

Sob a perspectiva do conceito de *escrevivência* de Conceição Evaristo, o ato de escrever torna-se um espaço de resistência e reconfiguração, atuando como um meio de desestabilizar as imposições ontológicas coloniais, e um reencontro com a sua ancestralidade, oferecendo um terreno fértil de procura de aparatos teóricos e referenciais artísticos que existiam muito antes do contato com a cultura escravocrata.

Contudo, essa reconfiguração do ser pela escrita não ocorre no vazio; ela se dá no embate direto com a carne e com a história. Se a *escrevivência* é o território da retomada, é na figura das Helenas de Hannah Bastos que esse espelho se estilhaça e se refaz. Nelas, o ato de nomear-se deixa de ser um exercício introspectivo para tornar-se a própria condição de sobrevivência diante de um olhar estrangeiro. Elas são a representação ficcional daquilo que mulheres latinas, negras e imigrantes não cessam de passar em território europeu e no norte global. São as reproduções de quem é perseguido pelo ICE[1]

[1] ICE é a sigla que representa U.S. Immigration and Customs Enforcement (Serviço de Imigração e Controle Aduaneiro dos Estados Unidos), agência federal vinculada ao Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos, responsável pela aplicação de leis relacionadas à imigração e à fiscalização aduaneira, incluindo operações de detenção e remoção de imigrantes do país.

ou que é foco do discurso anti-imigração nos diferentes países da União Europeia. São elas que vem de um passado violentamente açoitado pelo racismo e pela misoginia e que, ainda hoje, habitam tantas dessas fronteiras, sendo encapuzadas pelo estigma de quem é culpada pela decadência econômica dos diferentes impérios de outrora.

No entanto, os declínios dessas nações, bem como suas crises econômicas, sociais e políticas, não podem ser compreendidos como fenômenos acidentais ou externos, são resultados diretos de decisões reiteradas pelo próprio sujeito branco hegemônico, que insiste em reinscrever no presente as violências estruturais do passado colonial. Insistem em reproduzir suas segregações étnicas, seus autocentramentos, seus espelhos tão distorcidos. Há, nesse movimento, uma persistente negação do reflexo que retorna: uma recusa em assumir a responsabilidade por um projeto civilizatório fundado na exploração, na hierarquização e na exclusão sistemática. Algo que persiste em fingir cegueira frente ao próprio reflexo, recortando do corpo o que não aceita em si. Vestindo apenas uma metade humanitária, benigna. Rascunhando traços de uma dócil pequenez que nada tem de frágil: antes, trata-se de uma engrenagem robusta, agigantada, capaz de operar violências meticulosas forjando uma máscara de cuidado e ordem.

> Essa cisão evoca o fato de que o sujeito branco de alguma forma está dividido dentro de si próprio, pois desenvolve duas atitudes em relação à realidade externa: somente uma parte do ego – a parte "boa", acolhedora e benevolente – é vista e vivenciada como "eu", e o resto – a parte "má", rejeitada e malévola – é projetada sobre a/o "Outra/o" como algo externo. O sujeito negro torna-se então tela de projeção [...] (Kilomba, 2019, p. 36-37).

Nesse arranjo psíquico, o sujeito negro passa a ocupar o lugar de tela sobre a qual são projetados os medos, as culpas e as violências que a branquitude não suporta reconhecer como próprias. A racialização do *Outro* preserva a autoimagem moral do colonizador, mantendo-a intacta à custa da desumanização alheia. Trata-se de um mecanismo central da colonialidade, no qual a cisão interna do sujeito branco sustenta, simultaneamente, a violência externa e a negação de sua responsabilidade histórica.

Tendo isso em vista, é aí que a literatura opera: devolvendo um olhar com aquilo que conta, imagens a contrapelo. Ao eleger a vida prosaica, os gestos habituais e o corriqueiro como matéria narrativa, aquilo que sempre esteve à vista, ganha potência crítica, denunciando a brutalidade colonial inscrita numa suposta normalidade e expondo o cotidiano a partir do ponto de vista daqueles cujas vozes foram historicamente interditadas. É o texto literário, portanto, que restitui aos agentes da violência sua verdadeira imagem, sem possível absolvição.

Se inicialmente havia apenas um possível olhar autorizado a mirar o mundo. Olhar esse que observava a todos, soberano da sua guarita, sem de lá ser avistado. A arte vem, aos poucos, serrando as pernas desses edifícios, pulando janelas, forçando o encontro olho a olho, identificando-os.

Reconhecer os algozes como tais é de onde emerge a possibilidade de real emancipação, é de onde emana a amorosidade de se enxergar com maior acolhimento. Ao

devolver outro espelho à essas mulheres – separado daquele primeiro, fruto da projeção colonial –, a escrita cria condições para que elas se reconheçam de um jeito distinto, produzindo um deslocamento de perspectiva, onde há um rearranjo do *eu*. Como nos expõe Djaimila Pereira de Almeida em seu texto *O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo* (2022):

> Depois de começar a escrever, nunca mais vi o mundo do mesmo modo ou a mim mesma no mundo da mesma forma. Nunca mais me odiei. Nunca mais tive vergonha de ser quem sou. [...] Expandiram a questão da minha pele, não a guetizaram (Almeida, 2022, p. 20).

Escrever, nesse sentido, consolida-se como uma valiosa prática – "amar: conservar vivo: nomear" (Cixous, 2024, p. 9) – caligrafia que dá sobrevida, desfazendo o gueto, trançando capilarizadas veredas, futuros possíveis.

Referências

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo. **Serrote**, São Paulo, n. 41, jul. 2022, p. 6-21.

ARAÚJO, Susana *et al*. (org.). **Djidiu**: herança de ouvido. Lisboa: Afrolis, 2019.

BASTOS, Hannah. Papas de Aveia. *In:* BEZERRA DE MELO, Manuella; VAZ, Wladimir (org.). **~~Volta~~ para tua terra**: uma antologia antirracista/antifascista de escritoras estrangeiras em Portugal. São Paulo: Urutau, 2022. p. 81-88.

BASTOS, Hannah. Aladdin. *In:* BEZERRA DE MELLO, Manuela; VAZ, Wladimir (org.). **~~Volta~~ para tua terra**: não há abril sem imigrantes. São Paulo: Urutau, 2024. p.166-171.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BENJAMIN, Walter. **A origem do drama trágico alemão**. Trad. de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BEZERRA DE MELO, Manuella; VAZ, Wladimir (org.). **~~Volta~~ para tua terra**: uma antologia antirracista/antifascista de poetas estrangeirxs em Portugal. São Paulo: Urutau, 2021.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Trad. de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CIXOUS, Hélène. **A chegada da escrita**. Trad. de Danielle Magalhães, Flavia Trocoli, Isadora Nuto, Marcelle Pacheco, Patrick Bangre, Renata Estrella, Tainá Pinto. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2024.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência**: a escrita de nós. São Paulo: Itaú Social, 2021. Disponível em: https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf. Acesso em: 20 nov. 2025.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. de Renato Da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo: 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Trad. de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOMBROSO, Cesare. **O homem delinquente**. Porto Alegre: Ricardo Lenz, 2001.

NOTAS DE AUTORIA

Maria Isabel Teixeira Brisolara (isabelbrizzolara@gmail.com) é doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, é mestre e licenciada em Letras Português pela mesma instituição. Dedica-se à interpretação ética do texto literário, à produção de imigrantes, à literatura testemunhal e ao registro de pós-memória. Nesse contexto, foi investigadora na Universidade Nova de Lisboa (2024), acompanhando a produção contemporânea de escritores e escritoras imigrantes em Portugal.

Luiz Gustavo Bieberbach Engroff (gustavo.bieberbach@unesc.net) é Doutor em Literatura pelo PPGLit/UFSC, é licenciado em Artes Visuais pela Faculdade Faveni e bacharel em Artes Cênicas pela UFSC e em Arquitetura e Urbanismo pela FURB. Professor dos cursos de Artes Visuais, Pedagogia, Letras e Teatro da UNESC, atua como coordenador adjunto do Curso de Artes Visuais e coordenador pedagógico do Polo Arte na Escola/UNESC. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em artes cênicas, estudos literários e de gênero.

Agradecimentos
Registramos nosso agradecimento à professora Margarida Rendeiro (Universidade NOVA de Lisboa) e à professora Susan Aparecida de Oliveira (UFSC), no âmbito da criação do projeto *Mulheres nas literaturas e artes visuais: as representações de indígenas e afro-brasileiros(as),* que promove o intercâmbio acadêmico entre Brasil e Portugal e possibilitou o contato com as obras *Volta para tua terra*, a partir das quais Hannah Bastos se tornou tema deste artigo. Reconhecemos, ainda, o Edital Abdias Nascimento e a CAPES pelo apoio institucional que financiou parte desta reflexão. Por fim, agradecemos à resiliência de escritoras e escritores imigrantes que, ao enfrentarem as fronteiras impostas pela mobilidade restrita, persistem em formular futuros possíveis e em manter viva a força transformadora da palavra.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT
BRISOLARA, Maria Isabel Teixeira; ENGROFF, Luiz Gustavo Bieberbach. Escrita e emancipação: subjetividades negras na literatura de Hannah Bastos. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 31, p. 01-16, 2026.

Contribuição de autoria
Maria Isabel Teixeira Brisolara: concepção, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.
Luiz Gustavo Bieberbach Engroff: análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.

Financiamento
O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, e contou também com apoio do Edital Abdias Nascimento (Edital nº 01/2024).

Consentimento de uso de imagem
Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa
Não se aplica.

Conflito de interesses
Não se aplica.

Licença de uso
Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico
Recebido em: 27/01/2026
Revisões requeridas em: 08/07/2026
Aprovado em: 27/10/2026
Publicado em: 13/11/2026